

©

# Ministério

*Adventista*



Novembro-Dezembro de 1966

# A Sombra de Impendente

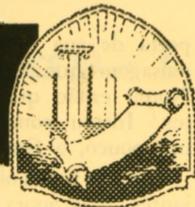
## Condenação



"As trevas espirituais, que cobrem agora a Terra tãda, acham-se intensificadas nos lugares de populaçaõ densa. É nas cidades das nações onde o obreiro evangélico encontra a maior impenitência e a necessidade mais premente. . . .

"O aumento da iniquidade é tal, que multidões se aproximam rapidamente de uma condiçaõ em que, em sua experiênciã pessoal, ficam de tal maneira que é muito difícil de alcançá-las com o vivificante conhecimento da mensagem do terceiro anjo. . . . O que os servos de Deus fizerem, no sentido de advertir e preparar os homens para o dia do juízo, deve ser feito com rapidez.

"As condições com que se defrontam os obreiros cristãos, nas grandes cidades, constituem um solene desafio para um incansável esforço em favor de milhões que vivem sob a sombra impendente da condenaçãõ. Os homens . . . devem ter oportunidade de ouvir e compreender a verdade bíblica. . . . Deus está agora chamando Seus mensageiros, de modo positivo, para que advertam as cidades, enquanto a misericórdia ainda perdura." — Evangelismo, págs. 25 e 26.



## Anjos Intranquilos

JORGE E. VANDEMAN

Diretor do Programa "Está Escrito"



**Q**UANDO a Sr<sup>a</sup> Rute Graham leu o primeiro capítulo do livro *World Aflame* (Mundo em Chamas), escrito recentemente por seu espôso, com suas vívidas descrições da impiedade de nossas cidades hoje em dia, ela disse o seguinte: "Se Deus não enviar

logo algum castigo sôbre nossas cidades, Ele terá de desculpar-Se perante Sodoma e Gomorra!"

Creio que o maior enigma do evangelismo adventista é o repto destas agitadas e rebeldes regiões metropolitanas sôbre a superfície da Terra.

Todos admitimos que o campo é obra de Deus, mas a cidade é obra do homem caído. Foi Deus quem criou o primeiro jardim, mas a primeira cidade foi construída por um assassino. Deus levou o jardim para o Céu, mas tôdas as cidades do mundo antigo foram destruídas pelas águas do dilúvio que cobriu êste planêta nôs dias de Noé.

Pouco depois os homens intentaram erigir uma cidade e uma torre cuja altura chegasse até aos céus. Nós a chamamos de Babel, um nome apropriado para a precursora das cidades modernas. Estas tumultuosas cidades ainda estendem para o céu suas pontas de aço e neônio, exatamente tão desafiantes e corruptas.

### Florestas de Terror

Será necessário mencionar a horrenda narrativa das cidades? Sabeis o que está ocorrendo. Não é preciso dizer que as ruas das grandes metrópoles rapidamente se estão transformando em florestas de terror, e que a chama da licenciosidade arde livremente. Isto nos faz pensar com seriedade na experiência prestes a ocorrer, quando o Espírito de Deus fôr completamente retirado da Terra.

A consciência das cidades tem estado parali-

sada. Há enormes brechas no domínio da moral.

Também, não é de causar admiração! Tem-se ensinado que os princípios morais são relativos, que êles nada mais são do que regulamentos dum jôgo, que podem ser modificados à vontade. E agora, em persuasiva linguagem científica, é insinuado que a própria existência é apenas um acidente químico. Não admira que o último apêgo à moralidade esteja enfraquecendo.

Nossas arrogantes substituições, porém, não surtiram efeito. Estamos colhendo as consequências, principalmente nas grandes cidades. Diz isto tudo, porém? O registo das cidades é um registo de profunda solicitude por parte de Deus. Foi para Nínive que Ele enviou Seu mais eloqüente pregador. Colocou em Babilônia um profeta-estadista, a fim de conquistar essa metrópole para a verdade. Jesus chorou sôbre Jerusalém, dizendo: "Jerusalém, Jerusalém! que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados! quantas vezes quis Eu reunir os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintinhos debaixo das asas, e vós não o quisestes!"

E Deus também está preocupado com as cidades de hoje, por causa do povo que nelas está. A NASA prediz que dentro de vinte anos haverá três enormes regiões metropolitanas nos Estados Unidos — uma abrangendo todo o trajeto de S. Francisco até Los Angeles, outra estendendo-se de Chicago até Búfalo, e a terceira de Boston até Washington. E podemos ver que é o que está acontecendo.

Deus está preocupado com as cidades, e sempre estêve.

### Anjos Intranquilos

Gosto de descrever uma ocorrência do remoto passado. Era meio-dia. Estava-se no verão, e fazia calor. Um homem assentou-se junto à

porta de sua tenda, contemplando a tranqüila paisagem que se descortinava ante seu olhar. Notou então que se aproximavam três viajantes. Instou com eles para que se detivessem um pouco, a fim de repousar.

Abraão tivera-os apenas na conta de três viajantes, mas agora foi revelado o verdadeiro caráter deles. Estavam a caminho da cidade como ministros de ira, para efetuar uma obra estranha. Os dois anjos partiram, ansiosos, devido ao conhecimento de sua missão. E Abraão ficou a sós com o Filho de Deus.

Lede o capítulo dezoito de Gênesis e observai o quadro apresentado ali. Vêde um homem pleiteando com Deus, um homem de fé intercedendo por uma cidade. Uma vez êle a salvara pela espada; agora procurava salvá-la pela oração.

“O amor pelas almas que pereciam, inspirava a oração de Abraão. Ao mesmo tempo em que lhe repugnavam os pecados daquela cidade corrupta, desejava que os pecadores pudessem salvar-se. Seu profundo interesse por Sodoma mostra a ansiedade que devemos experimentar pelos impenitentes. . . . Em redor de nós existem almas que descem à ruína, tão irremediável, tão terrível, como aquela que recaiu sobre Sodoma. Cada dia o tempo de graça de alguém se encerra. Cada hora alguns passam para além do alcance da misericórdia. E onde estão as vozes de aviso e rôgo, mandando o pecador fugir desta condenação terrível? Onde estão as mãos estendidas para o fazer retroceder do caminho da morte? Onde estão os que com humildade e fé perseverante intercedem junto a Deus por êle?” — *Patriarcas e Profetas* (2ª ed.), pág. 136.

### “Se Houver ali Dez?”

Intercedendo — com risco de ofender a Deus! Se houver cinqüenta? Quarenta? Trinta? Vinte? Dez? Orando como Moisés: “Se não, risca-me, peço-Te, do livro que escreveste!”

Podeis imaginar, porém, que Abraão deixasse de interceder? Podeis imaginar que permanecesse indiferente? Podeis imaginar que Abraão consentisse que os anjos prosseguissem no cumprimento de sua terrível missão, sem que clamasse em favor das almas prestes a serem punidas?

Será que ainda existem cidades em pé, hoje em dia, devido à oração de algum humilde pastor da cidade?

### O Último Convite de Deus

As cidades são semelhantes às pessoas. Vivem, respiram e morrem como os seres humanos. Podem estar revestidas de tijolos e arga-

massa, pedras e aço, mas têm um coração pulsante. É Deus fala ao coração.

Soando como poderoso sino, sobre as cidades ouve-se o convite de Deus: “Arrependei-vos!” E o sino vibra mais alto exatamente antes de silenciar-se para sempre!

É o Jonas de hoje para as Nínives modernas. É o Daniel de hoje para as Babilônias da atualidade. É o retumbar dos Vesúvios para as Pompeias de hoje. É Cristo lamentando sobre as Jerusaléns modernas. O sino ainda vibra. Mas é o derradeiro chamado de Deus.

Durante uma geração ou mais, as cidades têm sido o maior enigma do evangelismo adventista. Suas florestas de cimento, aço e neônio têm frustrado todos os nossos planos. Suas paredes de sofisticação, indiferença e preconceito parecem impenetráveis. O considerável tamanho das cidades torna a tarefa assustadoramente grande. Pois como poderá uma voz solitária num auditório alcançar os milhões de habitantes de tumultuosa metrópole?

E os grandes centros não constituem o único problema. Milhões de pessoas residem em extensos subúrbios. Mesmo as vastas regiões rurais são como unidades dispersas das cidades, pois o rádio e a televisão têm espalhado nossa cultura uniformemente pelo país. Os agricultores vêem os mesmos programas, partilham as mesmas esperanças e temores, falam a mesma linguagem que os habitantes das cidades.

E as cidades estão inconscientes do perigo que correm. Hoje, assim como nos dias de Abraão, anjos de destruição encontram-se a caminho das cidades. E sua missão não pode ser adiada durante muito tempo.

### Sobrevirão Calamidades

“Tenho ordem de declarar a mensagem, dizendo que as cidades onde reina a transgressão, extremamente pecadoras, serão destruídas por terremotos, pelo fogo e por dilúvio. . . . Sobrevirão calamidades — calamidades as mais terríveis, totalmente imprevistas; e estas destruições seguir-se-ão umas às outras. . . . As cidades das nações serão tratadas rigorosamente; contudo, não serão castigadas com a extrema indignação de Deus, porque algumas almas ainda se despregarão dos enganos do inimigo, arrepende-se-ão e se converterão, ao passo que as massas estarão entesourando ira para o dia do furor.” — *Evangelismo*, pág. 27.

E prestai atenção a isto:

“O encargo das necessidades de nossas cidades tem pesado tanto sobre meus ombros, que algumas vezes parecia que eu ia morrer.” — *Idem*, págs. 34 e 35.

Queira Deus tornar-nos sensíveis a essa necessidade!

(Continua na pág. 7)

# Maturidade Cristã e o Lar - I

ROY ALLAN ANDERSON

Secretário da Associação Ministerial da Assoc. Geral



COMO homens e mulheres profissionais, será bom lançarmos ocasionalmente um franco olhar à vida. A função do médico, ou do ministro, na comunidade, é única no gênero. Quer sejamos médicos, dentistas, pastôres ou evangelistas, nossa influência é grande, por vèzes até assustadora. E todos reconhecemos quão difícil é manter um equilíbrio entre nossa vida profissional, social e espiritual.

As pessoas em tôda parte estão confusas. O futuro se mostra incerto. Desde os dias de Noé, nunca uma geração foi chamada para enfrentar tais problemas como aquêles com que deparamos em todo lado, hoje em dia. Não é portanto coisa vulgar exercer positiva e constante influência para o bem em nossas comunidades. E essa influência é determinada pelo que somos em nós mesmos, o que em grande parte resulta do que somos em nossos lares. Edificar uma casa exige apenas poucos meses, mas edificar um lar é obra duma vida inteira.

## O Menino Jesus em Seu Lar

O único vislumbre que temos de Jesus em Seu lar terrestre foi relatado por Lucas, o médico amado. Diz assim: "Crescia o menino e Se fortalecia, enchendo-Se de sabedoria; e a graça de Deus estava sôbre êle" (S. Lucas 2: 40). Declara também o verso 51: "E desceu com êles [com José e Maria] para Nazaré, e era-lhes submisso." Quanto é indicado por estas breves palavras! Notai agora o versículo seguinte: "E crescia Jesus em *sabedoria, estatura e graça*, diante de Deus e dos homens." Era Êle uma criança normal, desenvolvendo-Se *mental, física, espiritual e socialmente*. Phillips traduz a passagem desta maneira: "E assim como Jesus continuava a crescer no *corpo* e na *mente*, crescia também no amor de Deus e dos que O conheciam." (*The New Testament in Modern English*.)

Êle conheceu pouco conforto material, pois Seu lar era o de um camponês. Havia, porém, algo nesse lar que significava tudo para êste Menino em crescimento. Embora lhe faltassem os pertences dos ricos, ou mesmo da classe mé-

dia, nesse lar não havia falta de amor. Muitas residências belas jamais se tornam belos lares. Possuem lindas decorações e móveis, mas as coisas materiais não são o que é de mais importância. Belos quadros e ornatos apropriados podem tornar atrativos os aposentos, mas a verdadeira felicidade brota do coração dos ocupantes da casa. Sômente pessoas podem formar um lar.

Na qualidade de homens e mulheres profissionais, não podemos deixar de influenciar a comunidade. Mas como? Vêem as pessoas em nossos lares um reflexo do Céu? Ou somos tão oprimidos com nossa obra que tenhamos pouco tempo para o lar e a família? Nos anos de guerra do início da década de 1940 muitos lares se desintegraram. Em vez de serem lugares de amor e companheirismo, eram pouco mais do que lugares para dormir. Alguém expôs a questão assim: "Papai trabalha no turno da noite, mamãe trabalha no turno do dia, e as crianças arranjam-se por si mesmas." A vida pouco significa quando os lares se tornam meros postos de abastecimento, em que enchemos o estômago e lavamos o corpo, para sair então novamente o mais depressa possível.

O amor, não as posses, constitui o fundamento do lar genuíno e do matrimônio duradouro. Uma mulher não precisa estar impregnada de perfume ou envôlta em peles para saber que um homem a ama. Diz-se com acêrto que o matrimônio é "o primeiro sistema bipartidário de govêrno já inventado, e nunca se tencionou que êle fôsse um sistema unipartidário." É essencial compreender o govêrno da família. Hão de surgir diferenças de opinião, mas as diferenças proporcionam oportunidades para crescimento.

## O Ponto de Vista do Outro Cônjuge

Ver o ponto de vista de outra pessoa nem sempre é fácil nem sucede naturalmente. É humano ser unilateral. Disse alguém:

"Vejo dois pontos de vista —

Aquêle que está errado e o meu."

Isto é prenúncio de desgraça. Embora sejam necessárias duas pessoas para formar um casamento, uma só pode arruiná-lo. Nunca o mundo estêve tão inundado de livros sôbre o casa-

mento e conselhos matrimoniais, no entanto os lares despedaçados parecem ser a ordem do dia, deixando uma esteira de amargura e tristeza.

Quando Israel chegou a Mara as águas eram amargas. Moisés lançou porém um ramo na água e a tornou doce para todos. Saber como lançar o Renôvo da Justiça nas águas amargas do egoísmo e do ódio é o segredo do viver real.

Muito se tem escrito sobre a posição vital da mãe, mas o papel do pai no lar, em erigi-lo e conservá-lo unido, também é considerável. Ele é o sacerdote do lar, e como tal, deve compreender as necessidades de toda a família. O que nós e nossos filhos somos na esfera social, é o reflexo do que somos no domínio espiritual. O homem é uma combinação misteriosa de corpo, alma e espírito, e cada setor de sua personalidade tem de ser sujeita a Deus. Diz Paulo: "Seja o mundo, seja a vida, seja a morte, sejam as coisas presentes, sejam as futuras, tudo é vosso, e vós de Cristo, e Cristo de Deus." I Cor. 3:22 e 23.

O conceito dos maniqueus dos primeiros séculos era que o corpo é impuro; e que somente a alma vale alguma coisa. Isto era em grande parte o fundamento da filosofia grega. Mas em tempos modernos homens como Nietzsche e Freud consideraram a alma como um mito. Muitos psicólogos e filósofos materialistas eliminaram completamente a alma. A civilização está procurando construir uma sociedade em que o corpo seja a única coisa levada em conta. Mas quando o amor se restringe apenas à satisfação dos desejos carnis, ele se torna uma serpente, uma força extinta, uma estrela caída.

Somente quando o fogo do amor acende outras chamas para Deus, é que nossos lares podem perdurar. Ou para mudar de figura; somente quando o amor está disposto a dar a água da vida de suas fontes, para que seja mitigada a sede de outros, desempenha ele o propósito de Deus. Em caso contrário, volta-se contra si mesmo e termina em ódio e até em assassinio.

Estas palavras de *O Desejado de Todas as Nações* devem lançar-nos um repto: "Egoísmo e fria formalidade têm quase extinguido o fogo do amor, dissipando as graças que seriam por assim dizer a fragrância do caráter. Muitos dos que professam Seu nome, deixaram de considerar o fato de que os cristãos têm de representar a Cristo. A menos que haja sacrifício prático em bem de outros, no círculo da família, na vizinhança, na igreja e onde quer que estejamos, não seremos cristãos, seja qual for a nossa profissão." — Página 376.

O amor foi implantado no coração humano pelo próprio Deus. E Ele o concedeu não para a satisfação de desejos egoístas, mas para que servisse a outros. Mesmo o amor íntimo entre o marido e a esposa deve ser uma expressão dum amor mais elevado — não o *Eros* da Grécia mas o *Agape do Céu*. Quando sucede assim, à medida que os anos vão passando o amor de Deus torna mais fragrante o amor no lar, não porque o esposo e a esposa se amarão menos, mas porque amarão mais a Deus. E esse amor terá espírito de sacrifício. Únicamente o amor que é produzido pela cruz pode galgar o trono. Semelhante amor será vertical. Se ele permanece no plano horizontal, morre. O amor conjugal deve ser o vestibulo para o amor divino. Como ministros e médicos, com freqüência somos chamados para servir de conselheiros nos problemas da vida, não só quando isto parece inoportuno mas, devido à resistência, quase impossível. Tais situações jamais são solucionadas no plano intelectual. Precisamos atingir um nível mais profundo — o emocional.

Trinta anos atrás uma nova tendência na arquitetura estava-se alastrando pela Inglaterra. Durante séculos as casas haviam sido construídas com janelas pequenas. E geralmente eram cobertas de grossas cortinas, para ter um aspecto de isolamento. Houve porém uma mudança radical quando em lugar de pequeninas janelas, toda a parede foi feita de vidro. Por quê? A fim de deixar entrar a luz do Sol. Londres é conhecida por seus dias nublados, e as pessoas começaram a perceber a importância de captar a maior quantidade possível de raios solares. Reconhecendo que a luz do Sol é essencial para a saúde, as pessoas passaram a instalar grandes janelas panorâmicas. Mas as janelas grandes não somente possibilitam que se olhe para fora; também permitem que os vizinhos olhem para dentro das casas. Assim as antigas famílias enclausuradas da Inglaterra tornaram-se uma parte da comunidade.

Estes novos projetos serviriam-me de figuras. Há ocasiões em que apreciamos o isolamento, mas como aquelas casas novas, nossa vida precisa abrir-se para a comunidade, e especialmente para a luz da presença de Deus. Não podemos dirigir a vida apenas num sentido. Da mesma maneira que nosso Senhor, devemos desenvolver-nos física, mental, social e espiritualmente.

#### Dando Exemplo Para os Filhos

Volvamos agora a atenção para os nossos filhos. Para que nos respeitem quando se tornarem adultos, jamais devemos olvidar que as crianças são por natureza cultuadores de heróis. Durante os primeiros anos, o pai e a mãe quase

parecem ser divinos. Se queremos que conservem essa impressão de nós, nunca devemos dar ocasião a que percam a confiança em nossa pessoa. Como pais, precisamos cuidar da maneira em que tratamos um ao outro e nos portamos diante de nossos familiares.

Fui chamado para aconselhar uma jovem senhora que se achava em dificuldades, e ela disse: "Mas como podemos viver em harmonia? Somos tão diferentes!" Na verdade, todos somos diferentes uns dos outros. Os homens são homens, e as mulheres são mulheres. Precisamos levar em conta essas diferenças. Tem-se dito que as mulheres *sentem*, ao passo que os homens *pensam*. Podem chegar exatamente à mesma conclusão, mas talvez seja por um traço bem diferente.

As próprias diferenças existentes entre nós podem ser pedras úteis no desenvolvimento dum verdadeiro lar. Diferenças no setor físico e mental dão colorido ao lar e acrescentam riqueza à vida. Sejam elas como fragmentos de poesia incluídos na linguagem da vida diária. Isto de uma família permanecer como representantes de Deus numa comunidade descrente, e viver em obediência a Sua vontade, não é uma questão de pouca importância.

Em certa rodovia há o seguinte letreiro: "Reduza a velocidade. Que fará você com o meio minuto que está poupando?" Com efeito, reduzi a velocidade. Estudei as necessidades sociais e espirituais de vosso lar e de vossa comunidade. Declaram as Escrituras: "Deus pode fazer-vos abundar em toda graça, a fim de que, tendo sempre, em tudo, ampla suficiência, superabundeis em toda a boa obra." II Cor. 9:8. Boa conta bancária constitui excelente haver para uma família, mas o melhor haver para uma criança é conhecer a alegria e estabilidade dum verdadeiro lar.

#### Nossa Relação com a Comunidade

É fácil e talvez mais agradável vivermos para nós mesmos, mas está errado. Disse Jesus: "Quando deres um jantar ou uma ceia, não convides os teus amigos, nem teus irmãos, nem teus parentes, nem vizinhos ricos; para não suceder que eles, por sua vez, te convidem e sejas recompensado. Antes, ao dares um banquete, convida os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos; e serás bem-aventurado, pelo fato de não terem eles com que recompensar-te; a tua recompensa, porém, tua a receberás na ressurreição dos justos." S. Luc. 14:12-14.

Notai este comentário do livro *A Ciência do Bom Viver*, pág. 354: "Éstes [os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos] são hóspedes que não nos custará muito receber. Não necessita-

reis de dispensar-lhes uma homenagem dispendiosa e elaborada. O calor das boas-vindas, um assento ao pé do lume e outro à vossa mesa, o privilégio de compartilhar da bênção do culto de família, seria para muitos destes pobres como um antegozo do Céu."

Comunicar-se desta maneira com a comunidade é um privilégio e também uma responsabilidade. Não faz muito tempo batizei um excelente casal de negociantes, que chegou ao conhecimento da mensagem de Deus para o tempo presente, devido a morarem ao lado da casa de um de nossos médicos. Os contatos sociais desta família impressionaram tanto os seus vizinhos pertencentes a elevada categoria social, que desejaram saber o que os tornava diferentes. "Podíamos sentir a cordialidade e afeição deste excelente médico e de sua agradável família," disseram-me eles. O amor deste piedoso lar, transbordando para a comunidade foi o maior argumento em favor da verdade. Conforme disse Edgar Guest: "Preferiria ver um sermão a ouvi-lo qualquer dia destes."

(Continuará no próximo número)

## Anjos Intranquilos

(Continuação da pág. 4)

Durante 1961 irrompeu enorme incêndio nas ressequidas colinas de Los Angeles, e alastrouse à luxuosa zona residencial da cidade. Um repórter pediu que Zsa Zsa Gabor comentasse sobre a incineração total de sua suntuosa mansão, e a resposta, embora trágica, é digna de consideração: "Eu não podia imaginar que semelhante coisa pudesse ocorrer num bairro tão elegante!"

#### Por que não nos Avisaram?

De que isto nos faz lembrar?

"Nas visões da noite passou diante de mim uma cena muito impressionante. Vi uma imensa bola de fogo cair no meio de algumas lindas habitações, destruindo-as imediatamente. Ouvi alguns dizerem: 'Sabíamos que os juízos de Deus sobreviriam à Terra, mas não sabíamos que viriam tão cedo.' Outros, com acento de voz agonizante, diziam: 'Os senhores sabiam! Por que, então, não nos disseram?'" — *Idem*, pág. 43.

Deus está prestes a ajustar contas com as cidades. Ele tocará nelas, e os edifícios, por mais elegantes e resistentes ao fogo, desmoronar-se-ão como as cinzas na ponta dum cigarro. Pré-

# Simplicidade de Palavras

ERNESTO LLOYD

**O**S característicos salientes das palavras de Jesus são a simplicidade e a sabedoria. As grandes verdades ensinadas por Ele são sábias e profundas, proporcionando alimento para a mente e a alma de homens e mulheres de tôdas as raças. E as palavras que transmitem essas maravilhosas verdades são tão simples que as pode ler até quem passa correndo. Simplicidade e sabedoria — é esta uma combinação que geralmente não se encontra nas expressões humanas. Lembro-me de haver lido num velho livro, que a excelência das Escrituras brota da surpreendente mescla de simplicidade e majestade. E nosso Senhor uniu êstes dois característicos em todos os Seus ensinamentos. Nesta época de complexidade, existe constante perigo de que abandonemos a simplicidade, e transijamos com coisas complicadas e que conduzem a controvérsia e confusão.

O apóstolo Paulo estava preocupado com esta questão, e lembrou à igreja de Corinto que a simplicidade do evangelho de Cristo corria perigo (e ainda corre) de perder-se numa multidão de palavras e num labirinto de controvérsia e discussão. (Ver II Cor. 11:3.) Os elementos essenciais da fé cristã são poucos e podem ser expostos com facilidade. Paulo sabia que a verdadeira religião cristã teria de ser algo bem simples, pois destinava-se a tôdas as

classes de pessoas entre tôdas as nações. Sabemos que o mesmo sucede hoje em dia. A adaptabilidade do evangelho à necessidade universal da raça humana constitui uma prova de sua inspiração divina.

“A grande multidão O ouvia com prazer” porque expunha a verdade de maneira simples. Nosso Senhor ensinava a bondade simples, e era a personificação dessa virtude. A bondade e a simplicidade residem juntas. O pecado é algo sutil, complicado, e conduz homens e mulheres ao labirinto da perplexidade. “Os maus são os mais subtilizados, e os bons, os que menos o são.” Satanás está cheio de astúcia, e é o “pai da mentira” (S. João 8:44).

Quão simples era o cristianismo no tempo dos apóstolos! Quão singelas eram as palavras e os ensinamentos do Mestre! Quando Ele veio viver entre os homens, a religião era muito complexa e elaborada. Os dirigentes religiosos estavam quase sempre em controvérsia. Os ritos cerimoniais eram enfadonhos e opressivos para o povo. Muitos anelavam ser libertados disso tudo. Jesus simplificou a religião. Não admira que o povo em geral se alegrasse com Suas simples declarações que consistiam em verdades vivificantes.

Nosso Senhor associava-Se com o povo, adaptando Seus ensinamentos a Suas necessidades e percepções. Suas palavras eram simples, e o povo estava familiarizado com elas. Ele não empregou complicados termos teológicos. Suas palavras eram: *Luz, vida, alegria, paz, fé, descanso*. Que vocábulos essenciais! “Eu sou o pão da vida;” “Eu sou a porta;” “Eu sou a luz do mundo.” Quão compreensíveis eram Suas palavras para todos os que O ouviam! Eram simples, e abrangiam as coisas mais essenciais da vida, e que todos os corações mais desejam.

“O Redentor do mundo não veio com exibições exteriores, nem com manifestações de sabedoria humana. . . . Cristo chegava ao povo na posição em que êste se achava. Apresentava a simples verdade perante seu espírito, na linguagem mais poderosa e singela. . . . Ninguém precisava de consultar os instruídos doutores quanto ao sentido do que Ele dizia.” — *Obreiros Evangélicos*, págs. 49 e 50.

---

dios plenamente seguros, de acordo com os padrões modernos, serão consumidos como breu. As organizações contra incêndios mostrar-se-ão impotentes quando Deus acender os fogos da punição.

É isto que me torna intransigente. É isto que também torna os anjos intransigentes. Tão pouco tempo — e tanta coisa em jogo!

Deus está a ponto de avir-Se com as cidades. Ele é um Deus de amor, mas asseguro-vos que não precisará apresentar desculpas a Sodoma e Gomorra. Anjos de destruição estão a caminho das cidades, e onde se encontram os Abraões que intercederão por elas?

Pergunto-vos: Poderia Abraão ter enfrentado a Deus, se não houvesse intercedido? Poderemos nós fazê-lo?

# Se Deus Houvesse Morrido - II

(Conclusão)

D. A. DELAFIELD

Secretário Associado do Patrimônio de Ellen G. White



**V**Ê-SE pois que quando Deus não responde mais de maneira alguma às orações do homem, é porque este, sendo rebelde e transgredindo os mandamentos, suprime o Deus vivo rudemente de sua imaginação, por meio de uma simples notícia de óbito! A filosofia antinomiana conseguiu cravar a lei de Deus numa cruz. Agora eles pregaram o Deus Criador na cruz ao lado, e O destruíram. A lei acabou, Deus morreu. Enterrai a lei e esquecei-a; sepultai a Deus e olvidai-O também, dizem eles.

Com o desaparecimento de Deus, a fé também se desvanece. Não é razoável ter fé nos mortos — não, nem mesmo num Deus morto. Num Deus vivo, sim; mas não num Deus morto. Por que crer n'Ele? Aquêles cujas promessas davam realidade à esperança, está agora morto e sepultado; desapareceu a finalidade da fé.

Disse Jesus com previsão profética: "Quando vier o Filho do homem, achará porventura fé na Terra?" S. Luc. 18:8. A frase foi construída de maneira a indicar uma resposta negativa. Não, não haverá muita fé sobre a Terra, exceto entre os que têm a fé de Jesus, e que guardam os mandamentos de Deus e se mantêm fiéis ao testemunho de Jesus. É este povo que proclama universalmente a mensagem: "Temei a Deus" (Apoc. 14:7). Para eles Deus não está morto, mas bem vivo!

## Impotente Como Uma Imagem Esculpida

Estando os ateus cristãos abolindo a Deus para nós, em quem depositará a humanidade a sua fé? A figura dum Deus morto é ainda mais desconcertante do que um impotente deus de madeira. Uma divindade extinta é tão incapaz como uma imagem esculpida. Nem uma nem outra pode ouvir, ver, sentir ou compreender — nem pode responder às nossas orações. "[O homem] faz um deus e se prostra diante d'ele, esculpe uma imagem e se ajoelha diante dela. ... Prostra-se, e lhe dirige a sua oração, dizendo: Livra-me, porque tu és o meu deus. Nada sabem, nem entendem; porque se lhes grudaram os olhos, para que não vejam, e os seus corações já não podem entender." Isa. 44:

15-18. Com o desaparecimento da fé em Deus como centro do culto, o homem volve-se à fé em si mesmo, com o eu como centro. A humanidade é aclamada como Deus. Isto é humanismo sem rebuços. O culto do Deus morto é um disfarce ideológico que encobre imperfeitamente a débil fisionomia do homem. É um velho artifício de Satanás — colocando o homem no lugar em que devia estar o Deus vivo. É o mistério da iniquidade que tem influído historicamente, durante séculos, em cumprimento da afirmação de Paulo de que o homem do pecado haveria de assentar-se "no santuário de Deus, ostentando-se como se fôsse o próprio Deus" (II Tess. 2:3 e 4).

Existem muitos papas no mundo — muitos teólogos obstinados cujo coração se elevou e que corromperam sua sabedoria por causa do seu esplendor, ecoando as palavras do primeiro "astro" a brilhar com luz própria: "Acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono . . . ; subirei acima das mais altas nuvens, e serei semelhante ao Altíssimo" (Isa. 14:13 e 14). Mas eis que, como com Lúcifer, ver-se-á que são estrelas cadentes. "Serás precipitado para o reino dos mortos, no mais profundo do abismo. Os que te virem te contemplarão, hão de fitarte e dizer-te: É este o homem que fazia estremecer a Terra, e tremer os reinos?" (versos 15 e 16).

## Algumas Flôres Sobre o Túmulo

Realmente, quando nos detemos a pensar na filosofia de que "Deus morreu," admiramo-nos de como teólogos reverentes poderiam conceber essa idéia. A sensação da vivida presença do Senhor deve ter-se afastado destes homens. Perderam o sentimento de temor. E os que aceitam este sofisma de Satanás verificarão que a tranqüilidade dos sagrados e ditosos momentos de silêncio no santuário de Deus tornar-se-ão uma vaga recordação. Uma melancolia fúnebre invadirá o coração e o lugar de culto em que o homem dantes obtinha salutar silêncio. De ora em diante ir para a igreja será como visitar a sepultura de entes amados, para colocar algumas flôres sobre o túmulo. Não haverá porém verdadeira comunhão, nem silêncio restaurador — que encontramos atualmente na adoração do Deus vivo. Haverá apenas deprimente tristeza.

Durante bem mais do que meio século, filósofos e teólogos irreverentes têm-nos deixado confusos quanto a suas idéias acêrca de Deus e de Sua posição nos negócios humanos. Os resultados naturais desta agitação têm sido sombrios pontos de vista a respeito de Deus como uma divindade enfêrma e desesperada. É fácil dizer-se agora que Êle morreu. Refleti, porém, no que isto significa para o culto; que desalentador e lúgubre perspectiva para a adoração de Deus! E com relação a isto, por que prestar alguma forma de culto? Se não há ninguém que ouça as nossas orações, ninguém que deva ser louvado ou em quem podemos confiar, por que prestar culto?

Voltemos, porém, ao assunto da reverência. Com a perda de reverência e a eliminação do temor para com Deus e as coisas sagradas, surge a falta de respeito por tôda autoridade humana. Se Deus morreu, nós não O respeitamos mais. Esperávamos que Êle vivesse para sempre. Ter-nos-á decepcionado? Devia estar vivendo; não devia ter morrido. Que Lhe sucedeu, afinal de contas? Terá sido um mito todo o conceito que se formou de Deus? Como pode Êle morrer? Mas os que pretendem estar bem informados dizem que Êle está morto. Assim dissipou-se o respeito para com Deus.

E se não temos respeito para com Deus, por que respeitar a alguma outra pessoa? Caso o Ser Supremo não possa ser respeitado, será possível respeitar a sêres inferiores? As conseqüências funestas que resultariam na vida social e religiosa não seriam nada agradáveis — perda de respeito pelas autoridades, insubordinação, violação da lei, violência, anarquia. O mundo ainda terá de ver o que acontecerá quando a humanidade eliminar a Deus completamente de sua cogitação.

#### **A Carnificina Francesa**

Breve reminiscência propicia um exemplo de irreligiosidade na história duma nação — a carnificina da revolução francesa, na parte final do século dezoito. Lembrai-vos do que ocorreu quando em Paris foi entronizada a deusa da razão em lugar de Deus. E os homens deificaram o símbolo de suas paixões, orgulho e descrença. A República Revolucionária excluiu Deus e a Bíblia, de seus pensamentos. Durante três anos e meio a França proclamou-se uma nação atéia, e devido à sua rejeição de Deus, a nação quase pereceu. Êste exemplo histórico visava a ensinar ao mundo o que sucederia se os homens destronassem a Deus e O excluíssem de suas cogitações.

É o senso da presença divina na vida humana que constitui a maior repressão à prática do mal. Imaginemos que José houvesse sido vitimado pela doutrina do Deus morto. Teria perdido a

sensação de temor e reverência que subsiste no homem que vive na presença de Deus. Potifar teria perdido a espôsa; José teria perdido a salvação; e o Egito seria privado de um libertador. “Como, pois, cometeria eu tamanha maldade, e pecaria contra Deus?” (Gên. 39:9) — indagou êle. O conceito de que “Tu és Deus que vê” reprimiu a José e evitou que cometesse adultério.

Daniel e seus três companheiros sentiram a presença de Cristo na fornalha ardente. Esta presença os salvou da mesma maneira que a presença de Deus ainda salva a todos os que crêem.

#### **Apenas os Espectros de Deus**

É tudo isto está estreitamente relacionado com a consciência do homem. Se desapareceram a fé, a oração, a reverência e a esperança — se êstes sustentáculos da igreja se tornaram casualidades do ensino de que “Deus morreu” — então a consciência do homem também está morta. Qual a voz que apelará ao homem daqui por diante, dizendo: “Êste é o caminho, andai por êle?” Ela não será a voz de Deus, mas a voz de Satanás, o impostor. Permanecendo somente o espectro de Deus para afligir o homem com a ansiedade, o panorama é desolador. A retumbante voz do dever e da responsabilidade moral está silenciosa. Que esperança existe agora no tocante à clara orientação na vida? Estão em silêncio todos os que descem à cova, diz uma voz inspirada. Se Deus morreu, Sua voz também se silenciou. Assim sendo, desaparece a consciência juntamente com a fé, a esperança, a reverência, o amor e tôdas as melhores coisas da vida. As restrições espirituais e os deveres não perturbam nem desafiam mais o homem. Os pobres sêres degenerados são agora deixados a degenerar cada vez mais. Existe, porém, o consôlo de que agora as pessoas podem fazer o que bem entenderem. Talvez seja isto o que os ateus cristãos realmente desejam. Até que enfim o homem pode fazer sua própria vontade! Foram rompidos todos os vínculos do dever e da responsabilidade. Afinal chegou a liberdade! Mas com que amargos resultados!

E se Deus morreu, que será da Bíblia? E que sucederá com a igreja do Senhor? É impossível acreditar que Deus tenha morrido, quando se crê na Bíblia. A Divindade não pode morrer. É Deus quem lança a morte e o inferno dentro do lago de fogo (Apoc. 20:14). Portanto, tôdas as coisas estão sujeitas a Deus, a fim de que o Ser Supremo seja tudo em todos. A morte e o inferno submetem-se ao Onipotente. O quadro que a Bíblia apresenta de Deus é o de um Ser triunfante que continua vivendo após a morte do pecado e dos pecadores. Deus, o Criador, sobrevive; o pecador não. E

o Filho de Deus declarou: "Eu sou o Alfa e o Ômega." "[Eu sou] Aquêle que vive; estive morto, mas eis que estou vivo pelos séculos dos séculos" (Apoc. 1:8 e 18). "A morte — diz Paulo — já não tem domínio sôbre Êle" (Rom. 6:9).

### Poderíamos Desistir Também

Adoramos a um Deus vivo, não a um Deus morto, e a igreja foi estabelecida para proclamar a tôda a humanidade as boas-novas do Deus vivo. Não sejamos infiéis para com êste dever. Mas que necessidade haverá disto, se Deus morreu? Os novos "ateus cristãos" estão realmente sugerindo que a igreja feche as portas e desista de suas atividades. Os valôres em depósito na igreja são Cristo, Deus o Pai, e o Espírito Santo. Se a Trindade acabou, nosso depósito se exauriu; nada mais temos a oferecer, e nós também poderíamos desistir.

Em conclusão, devo dizer que não sei quem está mantendo unido o mundo físico, se Deus morreu. Existe, porém, certa ligação recíproca nos átomos do mundo material que fazem supor uma fonte contínua de poder, coesão e vida. Numerosos cientistas dizem com reverência que êste poder é Deus. Os novos teólogos privaram êstes cientistas do seu Deus. Os cientistas seculares foram ultrapassados na secularização pelos chamados mestres religiosos de nosso tempo. A falsa religião traiu seus próprios confidentes.

Durante muito tempo tem Satanás procurado matar a Deus. Disse Jesus a Seus inimigos:

"Mas agora procurais matar-Me, a Mim que vos tenho falado a verdade que ouvi de Deus; assim não procedeu Abraão. . . Vós sois do diabo, que é vosso pai, e quereis satisfazer-lhe aos desejos. Êle foi homicida desde o princípio e jamais se firmou na verdade, porque nêle não há verdade. Quando êle profere a mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira." S. João 8:40-44.

Jesus foi morto na cruz. Êle ergueu-Se da tumba e afirmou: "Eu sou o primeiro e o último, e Aquêle que vive; estive morto, mas eis que estou vivo pelos séculos dos séculos." Apoc. 1:17 e 18. Jamais haverá outra cruz para Jesus, nem outro túmulo ou sepultura. A morte não tem domínio sôbre Êle nem sôbre Seu Pai.

### O Senhor Rir-se-á Dêles

Precisamos rejeitar êsse nôvo ateísmo cristão, essa nova blasfêmia, com as palavras do próprio Deus. "Ri-Se Aquêle que habita nos Céus; o Senhor zomba dêles." Sal. 2:4. Os homens realmente "se tornaram nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-se-lhes o coração insensato. Inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos, e mudaram a glória do Deus invisível em semelhança da imagem de homem corruptível." (Rom. 1:21-23). "É por êste motivo, pois, que Deus lhes manda a operação do êrro, para darem crédito à mentira" (II Tess. 2:11), "pois êles mudaram a verdade de Deus em mentira, adorando e servindo a criatura, em lugar do Criador, o qual é bendito eternamente. Amém" (Rom. 1:25).

## Reflexões de um Pastor

F. H. HARRIS

GOSTARIA de viver de tal maneira que se meus pais estivessem vivos, minha conduta na vida não lhes causasse preocupações.

Gostaria de viver de tal maneira que minha espôsa estivesse disposta a fazer a mesma escolha que fêz há quase meio século no passado, para percorrer comigo a áspera senda da vida.

Gostaria de viver de tal maneira que meus filhos pudessem dizer sinceramente: "Meu pai nunca bebeu; jamais o ouvi blasfemar; e nasci num lar de oração."

Gostaria de viver de tal maneira que minha igreja pudesse dizer: "Êle vive as doutrinas que prega."

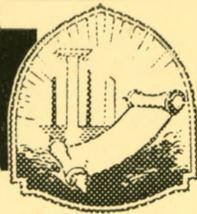
Gostaria de viver de tal maneira que pudesse debater com meu irmão as diferenças de nossas crenças, e mesmo que continuássemos a divergir, eu não lhe causasse afronta.

Gostaria de viver de tal maneira que meu vendeiro, meu médico e meu banqueiro pudessem dizer: "Êle é um homem que cumpre a palavra."

Gostaria de viver de tal maneira que fôsse lembrado tanto nas tristezas como nas alegrias da vida de meu vizinho.

Gostaria de viver de tal maneira que o pior pecador sentisse ter em mim um amigo que deseja auxiliá-lo a alcançar uma existência mais elevada.

Gostaria de viver de tal maneira que quando eu morresse meu jardim estivesse viçoso e verdejante, e outros se deleitassem com os frutos do meu trabalho. — *Free Methodist.*



HANS K. LA RONDELLE

Pastor na Holanda



**A** BÍBLIA é incomparável; na Terra não existe outro livro como ela. Foi dada não somente para iluminar a mente, mas também para educar o homem todo — a mente, o coração e a vontade; e para instruí-lo na justiça, “a fim de que o homem de Deus seja

perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra” (II Tim. 3:16).

Para compreender as Escrituras, precisamos estudar e *continuar* estudando. Nunca deve chegar o tempo em que julgemos já conhecer tudo. Aos cristãos hebreus do primeiro século foi feita esta admoestação, pois eram “tardios em ouvir” (Heb. 5:11):

“Pois, com efeito, quando devíeis ser mestres, atendendo ao tempo decorrido, tendes novamente necessidade de alguém que vos ensine de novo quais são os princípios elementares dos oráculos de Deus; assim vos tornastes como necessitados de leite, e não de alimento sólido. Ora, todo aquele que se alimenta de leite, é inexperiente na palavra da justiça, porque é criança. Mas o alimento sólido é para os adultos, para aqueles que, pela prática, têm as suas faculdades exercitadas para discernir não somente o bem, mas também o mal.” Heb. 5:12-14.

Devemos, portanto, estar continuamente ocupados no estudo pessoal da Palavra do Senhor, buscando sempre maior conhecimento de Deus, como se procurássemos “tesouros escondidos” (Prov. 2:4).

“Como um povo, somos convidados individualmente a ser estudantes da Palavra de Deus, e como tal, a avançar para receber a progressiva e crescente luz que Ele deseja comunicarnos.” — *Problemas na Tradução da Bíblia*, citado na revista *The Ministry* de janeiro de 1962, pág. 9.

A mensageira do Senhor declara a todos nós:

“Não nos aprofundamos suficientemente em

nossa busca da verdade.” — *Testemunhos Para Ministros*, pág. 119.

“Se tomais sobre vós a sagrada responsabilidade de ensinar outros, tendes o dever de ir ao âmago do assunto que procurais ensinar.” — *Evangelismo*, pág. 479.

### Apelo Para um Estudo Bem Orientado

Estas palavras aplicam-se a todos os livros da Bíblia, especialmente a Daniel e Apocalipse. Em certo sentido estes dois livros exerceram grande influência sobre nós como um povo, por isso devemos dedicar especial e metucioso estudo a estas partes das Escrituras.

## Unidade de

A simples recordação do que aprendemos há dez, vinte, trinta ou mais anos não nos preparará para dar *inteligente* razão de nossa fé. Pontos de vista formalizados e máximas petrificadas não exercerão influência santificadora. “Mas a vereda dos justos é como a luz da aurora que vai brilhando mais e mais até ser dia perfeito.” Prov. 4:18.

Ellen G. White enuncia profunda verdade nas seguintes palavras:

“Não existe justificativa para alguém assumir a posição de que não há mais verdades a serem reveladas, e que todas as nossas exposições das Escrituras não contêm qualquer erro. O fato de que certas doutrinas têm sido aceitas como verdadeiras durante muitos anos por nosso povo, não constitui uma prova de que nossas idéias são infalíveis. O tempo não transformará o erro em verdade, e a verdade pode permitir-se ser bela. Nenhuma doutrina verdadeira perderá algo por rigorosa investigação.” — *Counsels to Writers and Editors*, pág. 35.

“E investigando rigorosamente cada jota ou

til que pensemos ser verdade estabelecida, comparando uma passagem com outra, poderemos descobrir erros em nossas interpretações das Escrituras. Cristo deseja que o pesquisador de Sua Palavra lance a pá mais profundamente nas minas da verdade. Se a pesquisa é realizada de modo apropriado, serão encontradas jóias de inestimável valor.” — *Review and Herald*, 12 de julho de 1898.

O povo de Deus deve estudar diligentemente as profecias não cumpridas, em especial a sétima praga de Apocalipse 16.

“Precisamos estudar o derramamento da sétima taça. Os poderes do mal não capitularão no conflito sem uma batalha. Mas a Providência tem uma parte a desempenhar na batalha do Armagedom.” — *The SDA Bible Commentary*, comentários de Ellen G. White sobre Apoc. 16:14-17.

“Quando os livros de Daniel e Apocalipse forem bem compreendidos, terão os crentes uma experiência religiosa inteiramente diferente. . . . Ao nos aproximarmos do fim da história deste mundo, devem as profecias relativas aos últimos dias exigir especialmente nosso estudo.” — *Testemunhos Para Ministros*, págs. 114-116.

“Se nosso povo estivesse meio desperto, se reconhecesse a proximidade dos acontecimentos

te que “nenhuma profecia da Escritura provém de particular elucidação” (II S. Ped. 1:20).

As Escrituras, portanto, são seu próprio intérprete. Isto é um princípio fundamental. Jesus o aplicou quando repreendeu o diabo por interpretar falsamente um texto da Bíblia. (Ver S. Mat. 4:6 e 7.) Uma passagem deve ser comparada com outras, não somente no mesmo capítulo ou com passagens do mesmo livro, mas toda a Bíblia deve lançar luz sobre determinado versículo. Então sempre se torna evidente que a interpretação do texto não precisa de raciocínios especulativos fora da Bíblia.

Eis aqui novamente um conselho inspirado:

“A Bíblia interpreta-se a si mesma. Um texto deve ser comparado com outro. O estudante deve aprender a encarar a Palavra como um todo, e ver a relação de suas partes. . . . Devemos dar atenção ao Velho Testamento, não menos que ao Novo. . . . O Velho Testamento derrama luz sobre o Novo, e o Novo sobre o Velho.” — *Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes*, págs. 416 e 417.

Por conseguinte, devemos hesitar em interpretar qualquer profecia do Novo Testamento sem descobrir primeiro a luz que o Velho Testamento possa lançar sobre a questão. Repetimos que isto é um princípio fundamental. Quaisquer conclusões que possamos tirar, especialmente no âmbito de profecias ainda não cumpridas, como a sexta e a sétima pragas, devem ser cuidadosamente analisadas, deixando-se que a luz da Bíblia inteira ilumine o assunto. Estas incentivantes e desafiadoras palavras devem inspirar-nos a estudar mais profundamente as Escrituras:

“Quando a pesquisa é conduzida de modo apropriado, envida-se todo o esforço para conservar pura a compreensão e o coração. Se a mente se mantiver aberta e esquadriñar constantemente o campo da revelação, encontraremos ricos depósitos de verdade. Velhas verdades serão reveladas sob novos aspectos, e aparecerão verdades que foram omitidas na investigação.” — Ellen G. White, manuscrito 75, 1897, citado em *The Ministry* de junho de 1953, pág. 26.

“Como o clarão de um relâmpago, novas significações cintilarão de textos familiares da Escritura; vereis a relação de outras verdades com a obra da redenção, e sabereis que Cristo vos está guiando; que tendes ao lado um Mestre divino.” — *O Maior Discurso de Cristo*, pág. 25.

“Em cada época há novo desenvolvimento da verdade, uma mensagem de Deus para essa geração. As velhas verdades são todas essenciais; a nova verdade não é independente da antiga mas desdobramento dela. Só compreendendo as velhas verdades é que podemos entender as novas.” — *Parábolas de Jesus*, pág. 127.

# Escrituras

descritos no Apocalipse, operar-se-ia uma reforma em nossas igrejas, e muitos mais criariam a mensagem.” — *Idem*, pág. 118.

“O conhecimento de Cristo e das profecias relacionadas com Ele será grandemente aumentado ao se aproximarem do final da história terrestre.” — E. G. White, manuscrito 176, 1899, citado por L. E. Froom em *Prophetic Faith of Our Fathers*, Vol. 4, pág. 1.143.

## O Princípio Fundamental das Escrituras

Visto que a Bíblia é a Palavra de Deus, as Escrituras não devem ser interpretadas arbitrariamente ou particularmente. Princípios claros e firmes constituem a base das Santas Escrituras. Jesus considerou-as como uma unidade, dizendo que “a Escritura não pode falhar” (S. João 10:35).

Visto que a Bíblia é essencialmente uma unidade, trazendo uma grandiosa mensagem, ela é útil “para a correção” (II Tim. 3:16) de falsas interpretações.

Pedro afirma que devemos saber primeiramente

# Raciocínio Humano Contra a Palavra de Deus

W. J. BLACKER

Secretário-Tesoureiro da União do Pacífico

**S**ATANÁS opera de modo astuto para nos iludir e enredar. Seus enganos são variados e numerosos. Seu primeiro embuste após ser expulso do Céu centralizou-se na questão de que se o homem pecasse teria realmente de morrer. Quando Satanás disse a Eva: "Certamente não morrereis," estava na verdade dizendo que Deus não queria dizer isso. Usai vossa própria capacidade de raciocínio. Criaria Deus o homem para então mudar de idéia e destruí-lo? Desde esse tempo para cá Satanás tem empregado este método — de fazer o homem substituir a clara palavra de Deus pelo seu próprio raciocínio.

Verificamos isto em muitos setores. A cristandade em geral assume a atitude de que se deve fazer uso da própria razão no que diz respeito ao batismo. O batismo por imersão é inconveniente, não prático e sem significado — e uma substituição torna-se o processo comumente aceito. O requisito do sábado é enfrentado com o raciocínio humano — qualquer dia em sete, um feriado em vez de um dia sagrado, uma comemoração em lugar de um reconhecimento, um memorial da ressurreição em vez de um memorial da criação. Em nossa própria igreja aplica-se o raciocínio humano ao sistema do dízimo, que foi estabelecido por Deus e constitui uma doutrina fundamental da fé. Começa-se a raciocinar que o dízimo pode ser usado para isso e aquilo, que existe melhor método do que o procedimento seguido durante um século — que possibilita a expansão de nossas atividades num esforço unificado e mundial. Notai esta impressionante declaração de Ellen G. White:

"Deus quer que todos os Seus mordomos sejam exatos em seguir os planos divinos. Não devem substituir os planos do Senhor por alguma ação de caridade, algum donativo ou oferta, feitos ou dados quando e como eles, agentes humanos apenas, julgarem melhor. Deus tornou conhecido o Seu plano; e todos os que com Ele cooperarem, executarão esse plano, em vez de usarem tentar melhorá-lo mediante planos seus... É prática muito desprezível, procurarem os homens melhorar o plano divino, inventando um expediente, tomando a média de seus

bons impulsos neste e naquele casos, e opondo-os a tudo que é requerido por Deus." — "Para Conhecê-Lo," pág. 221.

Poderíamos prosseguir mais e mais, referindo-nos à criação, à salvação pela fé ou pelas obras, aos milagres realizados pelo Mestre, e ver como o raciocínio humano conspirou estas verdades.

## O Raciocínio Humano Como Método de Satanás

Num número recente da revista *Christianity Today*, o escritor descreve os anos que passou num colégio pertencente a certa denominação religiosa. Transferiu-se dum colégio estadual para esse outro, devido ao desejo de estudar a Bíblia e as demais matérias numa atmosfera cristã. Depois de concluir o curso colegial, continuou os estudos num seminário. Ele menciona como eram rejeitados acontecimentos relatados na Bíblia, enfraquecidas as crenças básicas do cristianismo, e como até mesmo as verdades essenciais da crucifixão e da ressurreição eram debilitadas. Ao sair do seminário, êle não cria mais na Bíblia, não acreditava mais que o sangue de Jesus purifica do pecado e não cria que a igreja é uma instituição divina — com efeito, não acreditava em nada que não pudessem ser comprovado pelo raciocínio humano.

"Não crer em nada que não possa ser confirmado pelo raciocínio humano" — êste é o método de Satanás e a principal arma de seu arsenal.

Temos um exemplo clássico disto na vida de Caim, quando o espírito de ressentimento e rebelião o induziu a satisfazer os reclamos divinos numa forma escolhida por êle próprio em vez de seguir o plano ordenado por Deus. Vemos muito desta espécie de raciocínio hoje em dia e, infelizmente, um pouco dêle tem penetrado na igreja.

## Não Dilúvio — e Dilúvio!

Notamos também êste raciocínio no relato dos construtores da torre de Babel. Assim como antes do dilúvio as pessoas usaram o próprio raciocínio para provar que jamais poderia haver

um dilúvio, êles usaram a mesma espécie de raciocínio depois do dilúvio para provar que poderia haver outro.

O mundo moderno está cheio de pessoas que estabelecem suas próprias teorias, que dizem em seu coração: "Deus não quer realmente dizer isto ou aquilo," que tornam sem efeito as exigências do Senhor e que confiam na razão humana. Estas pessoas foram enganadas por Satanás, cujos ardis seguem muitas direções.

"Ele está fazendo com que o mundo creia que a Bíblia não é inspirada, não sendo melhor do que um livro de contos, enquanto êle oferece algo para tomar-lhe o lugar; a saber, *manifestações espirituais!*" — *Early Writings*, pág. 91.

Quando alta autoridade eclesiástica da Igreja Episcopal nega o nascimento virginal, quando alguém de grande responsabilidade na Igreja Batista declara que os primeiros capítulos do Gênesis não são essenciais para a fé cristã, quando outros explicam em termos humanos o poder de Cristo em operar milagres, e assim por diante, a Palavra inspirada de Deus é reduzida ao nível de um livro de histórias.

"Foi-me mostrado que por meio das batidas e do mesmerismo êstes mágicos modernos explicariam até todos os milagres operados por nosso Senhor Jesus Cristo, e que muitos acreditariam que tôdas as poderosas obras do Filho de Deus, quando estêve na Terra, foram realizadas por êste mesmo poder." — *Idem*, pág. 59.

E ainda mais:

"As Escrituras declaram que em certa ocasião, em que os anjos de Deus foram apresentar-se perante o Senhor, Satanás foi também entre êles . . . para favorecer seus maldosos intentos contra os justos. Com o mesmo objetivo está êle presente quando os homens se congregam para o culto a Deus. Pôsto que oculto das vistas, está êle a trabalhar com tôda a diligência para dirigir o espírito dos adoradores." — *O Conflito dos Séculos* (nova ed. revista), pág. 561.

A obra dêle e de seus auxiliares consiste em "representar falsamente os intuitos de tôda ação verdadeira e nobre." — *Idem*, pág. 562. Com que facilidade e freqüência somos apanhados nesta armadilha!

Êle apresenta "heresias preparadas para se adaptarem aos vários gostos e capacidades dos que êle deseja arruinar. . . . A opinião de que não é de consequência alguma o que os ho-

mens creiam, é um dos enganos mais bem sucedidos de Satanás." — *Idem*, pág. 563.

"É a obra-prima dos enganos de Satanás conservar o espírito humano a pesquisar e conjecturar com relação àquilo que Deus não tornou conhecido, e que não é designio Seu que compreendamos." — *Idem*, pág. 566.

E poderíamos prosseguir mais e mais. Às vêzes estas coisas insinuam-se na igreja, e revelam-se na atitude de pôr em dúvida o movimento, a organização, a direção da igreja, o Espírito de Profecia e os princípios da igreja.

#### Os "Próprios Eleitos" Constam na Lista

Exatamente antes do fim do tempo, Satanás fará decidido esforço para enganar a todos. Já conseguiu iludir grande número de pessoas, mas preocupa-se ainda com um grupo de cristãos conservadores, que o profeta João chama de remanescentes — os que aguardam a volta de Cristo e que pretendem habitar com Êle.

Até então Satanás terá logrado apenas um êxito parcial, e a êsse tempo envida tão decidido esforço que Cristo chegou a dizer que se fôsse possível Satanás enganaria "os próprios eleitos" (S. Mat. 24:24).

A inferência é que os sinais da volta de Cristo poderiam ser quase, mas não inteiramente convincentes para "os próprios eleitos" — ou "escolhidos." Êste grupo seguiu o conselho da Testemunha Verdadeira e ungiu os olhos com colírio, sendo portanto capazes de distinguir entre o verdadeiro e o falso.

"A forma da frase no grego dá a entender que é realmente impossível que Satanás engane os que amam e servem a Deus com sinceridade. . . . Genuíno amor pela verdade e diligência em obedecer a tôdas as instruções que Deus concedeu para êstes últimos dias demonstrar-se-ão ser a única proteção contra os enganos do inimigo, os espíritos sedutores e as doutrinas de demônios." — *The SDA Bible Commentary*, sôbre S. Mat. 24:24.

Devemos estar continuamente atentos, bem firmados na verdade e com pleno conhecimento das Escrituras. "Satanás nada pôde achar no Filho de Deus que o habilitasse a alcançar a vitória. Tinha guardado os mandamentos de Seu Pai, e não havia n'Ele pecado que Satanás pudesse usar para a sua vantagem. Esta é a condição em que devem encontrar-se os que subsistirão no tempo de angústia." — *O Conflito dos Séculos* (nova ed. revista), pág. 674.

---

Crescemos um pouco tôda vez que medimos nossos amigos com a Regra Áurea. — *Tiago L. Colbert.*

# OBRA PASTORAL



## Comunicando com Poder

TEODORO CARCICH

Vice-Presidente da Divisão Norte-Americana

“Mas, a todos quantos O receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus; a saber: aos que crêem no Seu nome.” S. João 1:12.



**C**OMUNICAR-SE com outros para Deus é uma tremenda responsabilidade. Quer pregando ou ensinando, o obreiro cristão enfrenta pessoas para quem a vida é uma grande, desafiante e às vezes ameaçadora perspectiva. A mera apresentação de fatos relacionados com a verdade não será suficiente. A verdade tem de ser transmitida dentro do contexto da mensagem atinente à necessidade e à existência dos ouvintes. A pertinência é o verdadeiro prendedor da atenção. Isto não somente requer a compreensão das necessidades dos ouvintes e da mensagem que corresponde a essas necessidades, mas também a posse do poder que faz a mensagem chegar até o indivíduo.

### Necessário Haver Poder de Fora

Mais do que qualquer outra coisa, o pregador e professor tem a responsabilidade de ajudar as pessoas a encarar a vida sob o ponto de vista divino, e considerar a Cristo como a solução para os problemas pessoais. Empreender semelhante tarefa não é fácil. Logo que se defronte com o problema, o obreiro cristão sente necessidade dum poder exterior. A experiência ensina que este poder é disponível a todos os que se submetem a sua direção.

Aquêle que prega ou ensina o evangelho de Cristo põe-se em eficaz relação para com Deus. O Senhor é quem prega e ensina, o obreiro é a voz, a mente e o coração usados por Deus. Isto é uma verdade prática que sempre devemos reconhecer.

Não somos chamados para inculcar a verdade sobre os ouvintes nem para impor-lhes a

ação correta. Nosso dever é expor de modo sensato e afável o que Deus declara em Sua Palavra, relacionando-o com a vida. Sob tôdas as circunstâncias, compete aos obreiros cristãos tornar compreensível a fé cristã segundo é enunciada nas Escrituras, e não alguma algaravia mitificada que se coloca em oposição a tudo que os profetas e apóstolos disseram.

### Sômente o Poder de Deus

O Espírito de Deus e a Palavra são inseparáveis. Um completa o outro. Quando a elocução do obreiro é dirigida por ambas essas instrumentalidades celestiais, os ouvintes são levados a fazer perguntas de importância eterna. Como ilustração, entre muitos exemplos, isso ocorreu no Pentecostes, no deserto perto de Gaza, no eirado duma casa em Jope e na prisão de Filipos. Experiências contemporâneas confirmam em profusão a verdade de que sômente o poder de Deus pode dar vida à pregação de Sua palavra.

De maneira vigorosa e penetrante a serve do Senhor salienta o poder necessário para comunicar eficazmente a mensagem de Deus. Lemos: “A pregação da palavra não será de nenhum proveito sem a contínua presença e ajuda do Espírito Santo. Este é o único Mestre eficaz da verdade divina. Unicamente quando a verdade chega ao coração acompanhada pelo Espírito, vivificará a consciência e transformará a vida. Uma pessoa pode ser capaz de apresentar a letra da Palavra de Deus, pode estar familiarizada com todos os seus mandamentos e promessas; mas a menos que o Espírito Santo impressione o coração com a verdade, alma alguma cairá sobre a Rocha e se despedaçará. A mais esmerada educação, as maiores vantagens, não podem tornar uma pessoa um veículo de

luz sem a cooperação do Espírito de Deus. A semente da semente evangélica não terá êxito algum a menos que essa semente seja vivificada pelo orvalho do Céu.” — *O Desejado de Tôdas as Nações*, págs. 501 e 502.

Por conseguinte, em tôdas as ocasiões precisamos confiar em Deus para alcançar os corações e os cérebros com o que dizemos. Sòmente Ele o pode fazer. As verdades que ensinamos e pregamos são verdades espirituais, que devem ser ensinadas e compreendidas espiritualmente.

### **Divisas ou Paixão?**

Chegamos aqui em face da fonte e poder de avivamento em nossa obra — o Espírito Santo de Deus. Com bastante freqüência existe o perigo de dar demasiada ênfase à organização e ao equipamento, e olvidar a energia espiritual. É muito fácil substituir a paixão por divisas e programas, dar mais ênfase ao equipamento e ao método do que à mensagem, deixando assim pouca oportunidade para o Espírito Santo orientar nossas atividades e para executar os propósitos de Deus. Com isto não negamos a necessidade de organização, métodos e equipamento, mas todos os meios que sejam usados devem ser empregados por Deus.

O Senhor serve-Se da organização. Os administradores são necessários para correlacionar, dirigir e unificar as maneiras de proceder. O fim desejado é que Cristo seja comunicado a outros.

### **O Pregar é Semelhante a Delicada Intervenção Cirúrgica**

Deus também pode usar o equipamento e os métodos, mas êles devem ser entregues a Ele e ser suficientemente flexíveis para ser usados.

O pregar e o ensinar são semelhantes a delicada intervenção cirúrgica. Os melhores equipamentos e métodos são necessários, mas não são a parte principal. O que realmente tem valor é o cirurgião que os utiliza.

Além de tôdas essas questões de método, equipamento e organização, deve haver consciente e constante dependência para com o Espírito Santo. Sòmente Ele pode convencer do pecado, da justiça e do juízo. Sòmente Ele pode levar o pecador ao arrependimento e à fé em Jesus Cristo. Tudo que Lhe é entregue, Ele usará para produzir vidas transformadas e frutuosas que glorificarão a Cristo.

Hoje, mais do que nunca, o mundo precisa de existências assim. Ele possui tôda a religião de que necessita, bem como tôdas as fórmulas e respostas apropriadas. O mundo precisa, porém, de algumas respostas reais hoje em dia, e estas são encontradas apenas em Jesus Cristo. Se não cremos isto, fariamos bem em sair completamente da atividade de pregar e ensinar. Se o acreditamos, devemos deixar de simular e começar a tratar com realidades.

### **Preciso de Avivamento?**

Com risco de excesso de simplificação, admitamos que se nossas igrejas, associações e instituições precisam de avivamento, necessitamos de administradores, membros de comissões, pastores, oficiais de igreja e membros regenerados.

Em última análise, isto torna-se uma questão pessoal. Qualquer que seja minha posição, sou *eu* que preciso de avivamento. E para que isto se dê, tenho de voltar à cruz para obter perdão, purificação e abundância do Espírito Santo. Preciso voltar diariamente ao lugar de oração para obter renovação espiritual e plenitude do Espírito Santo, a fim de comunicar a verdade com poder.

---

## **Novas Tentativas de . . .**

(Continuação da pág. 20)

tudantes para o sacerdócio promettessem voluntariamente que êstes livros seriam consultados, e que a apresentação dessa tarde seria amplamente debatida.

Repito, portanto, com tôda a convicção, que êste é o tempo de aproveitarmos as oportunidades e o diálogo proporcionados pelas novas tendências da época atual. Estamos no momento propício para o grande movimento de avan-

ço. Não devemos desapontar o nosso Deus nesta hora auspiciosa. Precisamos dar eficaz testemunho. Temos de adaptar-nos à mudança das condições e circunstâncias, enaltecendo a fé dos adventistas do sétimo dia, em vez de comprometê-la. Nossa crença deve distinguir-se como a mais bíblica, lógica, histórica, atraente e convidativa mensagem evangélica já apresentada aos homens neste velho mundo. Êste é o repto que está diante de nós.

# Novas Tentativas de Aproximação

## — O Imperativo Para Uma Nova Época

LEROY EDWIN FROOM

Professor Emérito de Teologia Histórica na Universidade  
Andrews



**V**VIVEMOS em dias de consideráveis modificações e inauditas oportunidades. Obstáculos de séculos de duração estão cedendo terreno. Abrem-se portas que até agora se encontravam fechadas. Preconceitos que no passado impediam o contato e o testemunho de êxito estão-se dissipando sob um novo espírito que inclui o novo diálogo. O apêlo para o alastramento ecumênico abriu o caminho para permutas de pontos de vista, que não têm precedente. O tempo e a maré ascendente de eventos estão oferecendo oportunidades como nunca para apresentar os princípios fundamentais do adventismo, sob o aspecto e a ênfase do evangelho eterno.

Em vista destes fatos, a nós como obreiros é feita a solene pergunta: *Estamos preparados para aproveitar-nos destas oportunidades providenciais? Contamos com adequado meio de aproximação que se adapte a elas?*

As velhas técnicas, transmitidas por antigos tempos e circunstâncias, não são mais adequadas ou apropriadas para enfrentar o ritmo e as tendências da época atual, e para corresponder ao novo espírito de ampla investigação num mundo enfurecido. Hoje em dia a antiga aproximação que era grandemente negativa, por salientar de modo especial as coisas em que diferimos de todos os outros grupos religiosos, está definitivamente no passado. E é assim que deve ser.

### Apresentação Restrita de Pontos de Vista Limitados

É essencial que recapitulemos a origem dessa ênfase. Ela surgiu das condições desenvolvidas imediatamente depois do grande Desapontamento de 1844, quando a principal preocupação de nossos fundadores era transmitir a recentemente descoberta luz do santuário, do sábado, da mortalidade do homem, e do Espírito de Profecia, apenas àqueles que pertenceram ao movimento milerita. Estes seus ex-irmãos haviam experimentado intensa esquadriinação

da alma a fim de preparar-se para o encontro com Deus, e a agonia do desapontamento devido a nosso Senhor não ter aparecido nas nuvens do céu para abençoar Seu anelante povo em Sua esperada Segunda Vinda. Isso constituía o objetivo inicial de seus esforços.

Até então, não se preocuparam eles com outros fora deste grande grupo, e não fizeram qualquer tentativa de aproximar-se deles. Pouco a pouco, porém, sua visão ampliada começou a abranger aqueles que não haviam atingido a idade da razão, em 22 de outubro de 1944, bem como os que não rejeitaram voluntariamente a mensagem da hora do juízo de 1844. Mas seu encargo e sua responsabilidade continuaram a ser os mesmos.

Depois, quando despontou o significado e a importância de que a proclamação mundial da terceira mensagem angélica devia seguir-se à proclamação da primeira e segunda mensagens — e eles compreenderam que ela devia ser transmitida a toda a humanidade — ainda continuaram a dar essencialmente a mesma ênfase restrita, salientando em grande parte as mesmas “verdades probantes,” as doutrinas em que diferíamos das outras denominações.

### Continuou Quando as Condições Mudaram

Eles simplesmente admitiram que seus novos ouvintes neste círculo mais amplo eram igualmente homens e mulheres convertidos, com valiosa experiência cristã. Sua grande preocupação era apresentar os “mandamentos de Deus,” incluindo especialmente o sábado. Isso era importante e fundamental. Supunham que essas pessoas estavam familiarizadas com a inseparável “fé de Jesus.” Por estranho que pareça, era isto que constituía o setor negligenciado.

Duas semanas era considerado tempo suficiente para abranger a extensão dos pontos específicos de sua nova mensagem e missão. E quando algum evangelista dizia que duas semanas não proporcionavam o tempo necessário — que ele precisava de três semanas, devido a condições diferentes — riam-se dele. E os debates os tornavam como advogados defendendo um caso.

Era este primitivo conceito restrito de nossa mensagem, com sua ênfase sobre as coisas em que diferíamos, que dificultou o caminho. Ele foi interpretado erroneamente e resultou na formação de enormes barreiras. Com frequência nossa identificação denominacional foi ocultada em nosso evangelismo público até que se pudesse estabelecer a "confiança." Esta atitude visava a evitar e vencer o preconceito. Sucedeu, porém, exatamente o contrário. Esta técnica conduziu à má compreensão e à inevitável acusação de que agíamos com motivos escusos.

Mas esse dia, graças a Deus, já passou. Nossos programas "A Voz da Profecia," "Fé Para Hoje" e "Está Escrito" são claramente identificados como pertencentes à organização adventista do sétimo dia. Muitos evangelistas fazem o mesmo. Oxalá todas as nossas tentativas de aproximação pública pudessem ser identificadas com tanta franqueza. Isto sem dúvida abrandaria a resistência. Tornando-se o nosso caráter e princípios essencialmente cristãos cada vez mais conhecidos, as pessoas desejam agora saber o que realmente cremos, e por quê. Bem poderíamos aproveitar-nos de nosso nome.

#### Duplo Motivo Para Má Compreensão

Havia, porém, razões ocultas para nossa ênfase e métodos passados, bem como para certos silêncios. Isto foi motivado, a princípio, por opiniões divergentes, *da parte de alguns*, sobre a eterna preexistência e completa divindade de Jesus Cristo, e sua deficiência em reconhecê-Lo como "toda a plenitude da Divindade." Esta divergência de opinião conduziu a uma atenuação da ênfase sobre a primazia da pessoa de Jesus Cristo, e de sua majestosa grandeza. Nossa sólida e real posição, confirmada pelo Espírito de Profecia, foi posta em perigo por causa do limitado ponto de vista duma minoria que devido a esta particularidade trouxe aversão sobre todo o movimento. Assim a "fé de Jesus" foi subjugada pelas circunstâncias.

A segunda concepção restrita foi mantida igualmente durante várias décadas, em grande parte pelo mesmo grupo minoritário. Afirmava que a expiação limitava-se unicamente à obra de nosso Sumo Sacerdote no lugar santíssimo do santuário celestial, e nada tinha que ver com a transação da cruz, que se dizia ser apenas o sacrifício designado para o perdão dos pecados e a salvação dos homens. E isso ocorreu na Terra em 31 A. D. Alegavam, porém, que o sacrifício estava separado da expiação, que apenas se dava no Céu, e não começou antes de 1844.

Estes dois conceitos limitados só foram cor-

rigidos e elucidados gradualmente, por pessoas que através do estudo da Palavra notaram e proclamaram a gloriosa e mais ampla verdade das *duas fases* da expiação de Cristo, e nos colocaram sob genuíno e devido aspecto perante o mundo religioso. Semelhante ênfase, iniciada por volta de 1888, levou outros afinal a considerarem-nos verdadeiramente cristãos em nossa crença e ênfase fundamental. E isto é vigorosamente demonstrado por Ellen G. White.

Somente quando foram corrigidos estes pontos de vista, e este fato se tornou publicamente conhecido nos círculos de erudição, dissiparam-se os antigos preconceitos baseados sobre os conceitos faltosos da minoria. A velha burla de que éramos uma "seita anticristã" foi abandonada pelas pessoas bem informadas, e fomos reconhecidos como genuinamente cristãos — apesar de nossa ênfase sobre o sábado e o santuário, e nosso parecer a respeito da imortalidade condicional.

#### Apelo Para Uma Ênfase Diferente

Agora, durante décadas, o apelo divino tem sido que se dê o primeiro lugar a Cristo em toda a Sua plenitude, e que se saliente o ato da expiação como tendo sido completado na cruz, com a aplicação posterior de seus benefícios — a qual está sendo feita por nosso Sumo Sacerdote que ministra perante o Pai, e com a consumação desta obra expiatória de Cristo e o apagar dos pecados apresentados sob o simbolismo dos eventos do *Dia da Expiação*. Eis a orientação divina para nós no tempo presente:

"Não salienteis os aspectos da verdade que são uma condenação dos costumes e práticas do povo *enquanto eles não tiverem* ocasião de saber que acreditamos em Cristo, em Sua divindade e preexistência." — *Obreiros Evangélicos*, pág. 405 (grifo nosso).

"Não insistais em apresentar logo no início ao povo os aspectos mais objetáveis de nossa fé, a fim de que não fecheis os ouvidos daqueles a quem estas coisas vêm como uma nova revelação. . . Apresentai a verdade tal como ela é em Jesus. Não deve haver espírito combativo ou de polêmica na defesa da verdade." — *Evangelismo*, pág. 142.

"Não devemos, ao entrar em um lugar, levantar barreiras desnecessárias entre nós e outras denominações, especialmente os católicos, de modo que eles pensem que somos seus inimigos declarados." — *Idem*, pág. 144.

Quando seguimos estes inspirados conselhos e instruções, obtemos novo êxito. Não somos afligidos pelos velhos empecilhos. Esse é o plano do Céu para nós como obreiros. Irmãos no ministério, *chegou a hora de acentuar o que é positivo, e de salientar o evangelho eterno pe-*

rante o mundo. Cumpre-nos apresentar a “fé de Jesus” inseparavelmente ao lado dos “mandamentos de Deus” — sempre em relação equilibrada.

Nada tenhamos que ver com uma ênfase ambígua e inadequada. Sem diminuir nosso testemunho específico sobre o sábado, o santuário, a natureza do homem, o Espírito de Profecia etc., devemos pôr-nos no lugar certo, como os principais arautos de Cristo na atualidade, tornando-O o “centro de toda doutrina,” o coração palpitante de todo o nosso sistema de verdades. Devemos colocar-nos diante do mundo como os preeminentes expositores do evangelho completo, e de suas realidades eternas.

Isto é mais imperioso agora do que nunca no passado, visto que trágicas porções do protestantismo negam cada vez mais a Encarnação, o nascimento virginal, a real divindade de Cristo, a expiação pelo sangue, a ressurreição literal e o Segundo Advento premilenial e literal. Este é nosso tempo de oportunidade e obrigação. Devemos pôr-nos na brecha. Este é nosso mais amplo encargo e missão para hoje em dia. Constitui na verdade a essência da terceira mensagem angélica.

A experiência tem demonstrado que quando salientamos as realidades eternas do evangelho, as pessoas estão dispostas e ansiosas para ouvir e atender. Desejam conhecer então o restante de nossa fé. E não revelam hesitação em seguir o exemplo de Jesus — quanto ao sábado e tudo o mais. Temos o dever de transmitir todo o conselho de Deus na maneira mais apelante e convidativa. Cumpre-nos apresentar um evangelho positivo e salvador, e não proclamar meramente uma advertência negativa. E por esta ênfase correta seremos responsáveis diante de Deus.

#### Obtendo Êxito com Dois Grupos em Contraste

Na semana de 5 a 11 de dezembro de 1965, impressionei-me com a prontidão dos homens para prestar atenção à ênfase e evidência apropriadas para este novo tempo. No domingo à tarde tive o privilégio de apresentar a fé dos adventistas do sétimo dia a um grupo de estudo constituído de jovens casais, na Igreja Luterana da Trindade, em Washington, D. C. Fiz uma aproximação positiva, dirigida a um grupo de *protestantes* luteranos.

Os resultados foram satisfatórios. Conseguimos nova compreensão do adventismo, vinculando-nos com as verdades fundamentais do protestantismo primitivo que partilhamos em comum com todos os judiciosos cristãos evangélicos; e **partindo** daí, explicamos as verdades em que diferimos, e que nos tornam cristãos ad-

ventistas do sétimo dia. Eram verdades que mereciam receber ênfase “nos últimos dias,” no “tempo do fim,” na “hora do juízo de Deus,” mas que ainda não eram compreendidas no tempo de Lutero. Eles entenderam esta particularidade, e os resultados de semelhante compreensão foram compensadores. Perceberam a importância das verdades especiais do adventismo na atualidade.

Depois então, na tarde do sábado 11 de dezembro, tive o privilégio adicional de apresentar a crença dos adventistas do sétimo dia a um grupo de 35 estudantes para o sacerdócio, na Universidade Católica de Washington, D. C., que vieram de ônibus especial ao Columbia Union College, em Takoma Park. Isto era resultado direto da nova ênfase ao diálogo nos círculos católicos. Ali na capela do edifício de H. M. S. Richards, eu apresentei a fé adventista em comparação e em contraste com a fé de outros protestantes e também com a crença católica romana — empregando outra aproximação, igualmente positiva e eficaz para este grupo incomum, que pela primeira vez entrou em contato com nossos próprios teologandos.

Os resultados novamente foram bastante compensadores. Sem comprometer a nossa fé, mas lançando mão de extraordinários fatos históricos, primeiro na igreja primitiva e depois na história protestante, tornou-se clara nossa posição e relação tanto com a fé católica como com a popular crença protestante — e para o incremento da verdade.

#### Aproveitando as Oportunidades

Segundo estou informado, esta foi a primeira vez na América do Norte que um representante dos adventistas do sétimo dia teve o ensejo de apresentar, a um grupo assim, o esboço da crença adventista do sétimo dia sob o aspecto histórico dos séculos e baseado nas especificações e identificações do grande plano profético de Deus, estando cada fator progressivo em seu lugar apropriado e inexoravelmente em relação com o clímax escatológico.

Dêste modo foi dada a esse grupo católico uma fiel descrição do adventismo, e uma eficaz exposição de nossa mensagem específica e de sua situação estratégica na luz e seqüência dos séculos. Abriu-se assim o caminho para outros contatos e estudos posteriores sobre a nossa fé e nosso incomparável lugar na cristandade.

Coleções dos livros *Prophetic Faith* e *Conditionalist Faith* foram apresentadas ao dirigente do grupo, a fim de serem colocadas na biblioteca teológica da universidade de onde vieram os alunos. Isto fez com que diversos desses es-

(Continua na pág. 17)



MÚSICA

# Os Instrumentos na Igreja

HUGO DARIO RIFFEL



**N**O artigo anterior referimos aos instrumentos fixos, da igreja, que são usados em todos os cultos: harmônio, órgão e piano. Sucede, no entanto, que de maneira ocasional são tocados outros instrumentos na casa de Deus, o que às vezes dá lugar a pro-

blemas, pois nem sempre seu uso redundará em benefício da congregação.

Não há instrumento algum que seja intrinsecamente bom ou mau. Para autorizar ou negar seu uso dentro do templo, é necessário recordar alguns princípios gerais e adaptar-se às circunstâncias.

Sempre se deve ter em mente o lugar que a música ocupa nos serviços religiosos. Ela é um meio e não um fim, e deve servir para aproximar os crentes de Deus, elevar-lhes os pensamentos e inspirar-lhes o coração. Toda música que se ouve traz inevitavelmente uma associação de idéias e sentimentos. É impossível fechar os ouvidos como se fecham os olhos. As ondas sonoras produzem seu impacto no ouvido e este o transmite ao cérebro, mesmo contra a vontade do ouvinte; portanto, para quem se acha dentro do templo, é impossível subtrair-se à influência do que se ouve ali.

A conclusão a que se chega é muito simples: toda música que traga à mente dos assistentes a um culto, pensamentos, sentimentos, associações de idéias ou recordações que não os elevem espiritualmente, deve ser evitada, pois se não cumpre seu objetivo, perdeu a razão de ser.

Lembrando-se sempre deste princípio, até as pessoas não especializadas podem distinguir entre os instrumentos que são úteis e recomendá-

veis para serem usados esporadicamente nas reuniões religiosas, e os que não o são. É impossível fazer uma classificação rigorosa, visto que um mesmo instrumento pode evocar idéias muito desiguais em lugares diferentes, sem olvidarmos que é muito importante considerar também a habilidade do instrumentista para criar uma atmosfera harmoniosa e espiritual.

Há instrumentos que são naturalmente suaves, como a flauta, o violino, o violoncelo e outros mais, cuja utilidade é indiscutível. Outros são mais estridentes, como o trombone e a trombeta. Seu lugar mais apropriado é nas reuniões ao ar livre. Lamentavelmente, ouvimos às vezes dentro do recinto sagrado, instrumentos folclóricos, típicos ou próprios do "jaz," como a guitarra, o acordeão, a marimba, o saxofone e outros. É difícil imaginar que o som deles evoque idéias elevadas ou espirituais. Não obstante, repetimos que podem ser de certa utilidade quando não se possui algo melhor, em lugares distantes ou reuniões em casas de família. Nos cultos não devem ser introduzidos instrumentos exóticos, apenas com o objetivo de sair da rotina do harmônio ou do piano. Talvez provoquem curiosidade ou admiração, mas é duvidoso que possam acrescentar alguma coisa à experiência religiosa.

Devemos evitar os extremos. Oxalá tanto os ministros como as demais pessoas responsáveis saibam manter-se num plano de inteligente equanimidade, sem cair em rígidos exclusivismos, nem deixar-se levar pela corrente das "portas abertas," que permite o uso de instrumentos impróprios nos serviços religiosos. Somente assim poderá a música alcançar seu elevado propósito de embelezar e profundar as horas de culto e devoção.

# Os Adventistas do Sétimo Dia Respondem a PERGUNTAS SÔBRE DOCTRINA

## A Setuagésima Semana de Daniel 9 e a Teoria do Intervalo

Pergunta 26

Por que crêm os adventistas que a setuagésima semana de anos de Daniel 9 vem imediatamente após o término da sexagésima nona semana de anos? Por volta do terceiro e quarto séculos, acaso Hipólito e Apolinário não introduziram uma interrupção ou intervalo? Em que vos baseais para diferir dos fundamentalistas da atualidade, que afirmam estar a setuagésima semana separada por um extenso intervalo de mais de dezenove séculos, que ela não se cumprirá antes do fim dos tempos e que se refere aos atos do anticristo e não aos de Cristo? Não sois por assim dizer os únicos a adotar êsse ponto de vista?

**R**ESPONDENDO primeiramente a última pergunta, dizemos não estar de maneira alguma sôzinhos. Embora os adventistas do sétimo dia difiram, quanto a êste ponto, de muitos (mas não de todos) fundamentalistas da atualidade, concordam com eminentes sábios dos séculos — na igreja primitiva, no catolicismo e judaísmo medieval, na Reforma protestante e no período posterior à Reforma. E até surgir o dispensacionalismo nalgumas décadas passadas, a maioria dos modernos eruditos conservadores\* defendiam, como ainda fazemos, que as setenta semanas de anos são uma unidade contínua e ininterrupta.

Voltemos, porém, às três primeiras perguntas. A resposta satisfatória a estas interrogações exigiria que abordássemos muitos aspectos da profecia bíblica, bem como tôda a filosofia com que encaramos as porções proféticas das Escrituras. Seria necessário mostrar em que pensamos consistirem as debilidades e enganos da teoria do intervalo, assim como sua concomitante filosofia básica — a interpretação futurista da profecia, de que ela faz parte. Dentro dos limites estabelecidos para esta pergunta, não dispomos de espaço suficiente para tratar de tôdas estas ramificações.

Cumpre-nos explicar que adotamos a escola histórica de interpretação profética, crendo ser ela o sistema de interpretar a profecia exposto nas Escrituras. Não podemos, portanto, aceitar as teorias duma semana separada — um longo intervalo durante o qual a profecia não tem aplicação — e um anticristo futuro no fim dos

tempos. Estas teorias baseiam-se em princípios de interpretação que rejeitamos como contrários às Escrituras. Por questão de brevidade, limitaremos nossa resposta aos dois primeiros pontos mencionados nas perguntas.

1. A SETUAGÉSIMA SEMANA DE ANOS ACOMPANHA A SEXAGÉSIMA NONA SEMANA. — Juntamente com grande número de sábios piedosos, cremos que a profecia das setenta semanas alcança o ponto culminante na manifestação de Jesus Cristo como o verdadeiro Messias, confirmando então a exatidão do delineamento geral com uma representação da morte expiatória de Cristo. Tudo isto foi pela inspiração esboçado quinhentos anos antes destas consideráveis realizações que alteraram todo o curso da história humana. E isto é *sumamente convincente para provar que Jesus é o verdadeiro e único Messias, e para expor as maravilhosas provisões de redenção completa n'Ele e por Seu intermédio.*

As 70 semanas de anos que foram “determinadas,” ou subtraídas e reservadas nos concílios celestiais, para esta profecia, tiveram especial ponto de partida. (Ver a Pergunta 25, pág. 278.) Estas 70 *hebdomads* foram divididas em três grupos — de 7, 62 e 1 — totalizando 490 anos.

“Sabe, e entende” (Dan. 9:25), foi a admoestação da profecia, que 69 *hebdomads*, ou unidades de 7 anos, deviam transcorrer entre “a saída da ordem,” até a manifestação do Messias, o Príncipe — isto é, 7 mais 62 semanas de

anos, ou 483 anos. As 69 semanas constituem, portanto, simplesmente o tempo que devia decorrer depois de um ponto designado. Conquanto os anos transitórios das 69 *hebdomads* sejam importantes, é a *setuagésima semana que encerra capital importância*. As 69 semanas formam a exata extensão de tempo até a manifestação de Jesus como o Messias, segundo se vê na Pergunta 25. É lógico portanto que a setuagésima semana se refere aos 7 anos que viriam após a 69ª semana, isto é, ao período em que ocorreu o ministério do Messias. O fraseado do texto de maneira alguma indica uma interrupção ou intervalo.

A maioria dos expositores mais antigos, que tornam o batismo de Jesus o ponto terminal das 69 semanas de anos, reconhecem que a última semana de anos vem imediatamente em seguida, *sem qualquer interrupção* — ocorrendo a crucifixão 3 anos e meio mais tarde, na “metade” da setuagésima semana de anos. Tais eruditos admitiam que os 3 anos e meio restantes, da última semana, aplicavam-se à fundação do cristianismo através da pregação dos discípulos. Visto que nem o fraseado nem a lógica indicam uma interrupção, as evidências são contrárias aos que desejam romper a continuidade do período.

A linha de medida designada por Deus para esta profecia de 70 semanas é de extensão “determinada” ou destinada, para ser avaliada desde um marco histórico estabelecido com clareza. E o evidente propósito da profecia é predir o tempo da ocorrência de certas questões de suprema importância — que deviam suceder na derradeira, ou setuagésima *hebdomad* da série. Por conseguinte, adiar essa última semana de anos e transferi-la para o futuro distante, na verdade significa ofuscar o fator do tempo, um dos pontos principais de toda a profecia, e forçar assim o sentido de sua óbvia intenção.

Inserir num período de 490 anos um “intervalo” de dois mil anos, quatro vezes maior do que a duração toda das 70 semanas, constitui uma ação injustificável. Transforma a linha de medição profética numa fita elástica. Os que adotam semelhante processo trocaram uma medida linear de extensão “determinada” por outra de *extensão completamente indeterminada*, tornando-a um enorme período indefinido, inteiramente estranho a esta profecia específica.

Aquêles que defendem a teoria do intervalo, tornando a última semana separada o período de crise final no fim dos tempos, precisam acrescentar forçosamente uma interrupção de dois mil anos. Constitui isto uma forma de exegese sem precedente \*\* em toda a exposição profética.

Sendo que 7 mais 62 semanas conduziram ao

Messias, devemos logicamente chegar à conclusão de que o ministério público de Cristo, como Messias, está *além* da sexagésima nona semana, mas *dentro* da setuagésima semana, contada consecutivamente. Esta tem sido a opinião predominante da erudição cristã através dos séculos.

Com relativamente poucas exceções, os comentaristas têm tomado os dois períodos de 7 e 62 semanas (formando juntos 69 semanas de anos, ou 483 anos), mencionados separadamente, sem inserir qualquer intervalo entre eles. Mas os defensores da teoria do intervalo declaram que a setuagésima semana de anos, contada desde o ponto de partida, não era a setuagésima semana da profecia em seqüência. Esse é claramente o ponto crucial da questão.

Não são os adventistas do sétimo dia que, nestes últimos tempos, se afastaram do ponto de vista histórico dos séculos sobre as setenta semanas de anos. Continuamos a manter a opinião ortodoxa do protestantismo, de séculos de idade, mas não baseamos nossa crença num precedente histórico. Reconhecemos que a teoria do intervalo, que aplica esta profecia a um anticristo futuro, é uma consequência involuntária da contra-Reforma do século dezesseis. Temos a profunda convicção de que o sistema baseado na semana separada é uma inovação indefensável.

Acreditamos ter a obrigação de aderir firmemente a sólidos e inatacáveis princípios de interpretação profética. Não nos parece haver razão plausível ou motivo justificado para separar a setuagésima semana das 69. As 7 semanas e as 62 semanas decorrem ininterruptamente, sem qualquer solução de continuidade. E não encontramos razoável fundamento exegético, ou outro diferente, para separar a setuagésima semana da sexagésima nona, e transferi-la arbitrariamente para o fim dos tempos. Indubitavelmente, não existe precedente para isto na interpretação profética. Tampouco existe algo no texto hebraico de Daniel, ou no grego da Versão dos Setenta, para confirmá-lo.

Afigura-se-nos com bastante clareza que as especificações da profecia têm exato e cabal cumprimento na vida, ministério e morte de Cristo, e na subsequente ruína da nação judaica, como resultado da rejeição do Messias prometido.

Quando computamos o tempo desde o decreto de Artaxerxes I, dado a Esdras (457 A. C.), até o fim das 69 semanas de anos (27 A. D.), iniciando-se o ministério de Cristo com Sua “unção” no batismo, e fixando-se Sua morte na metade da setuagésima semana (que termina os 490 anos, em 34 A. D.), há perfeita harmonia entre as especificações proféticas e os cumprimentos históricos.

Os seis pormenores da profecia que se deviam realizar dentro das 70 semanas cumpriram-se plenamente na obra de Cristo e em Sua morte sacrificial na cruz. Todos êles ocorreram realmente na semana de anos que veio imediatamente após o ano 27 de nossa era. Foram amplamente considerados na resposta à Pergunta 25, e não serão repetidos aqui.

A ruína da nação judaica, embora adiada pela misericórdia divina para alguns anos após o término do período de 490 anos reservado aos judeus, cumpriu exatamente as especificações da profecia quando os exércitos romanos destruíram o Templo e a cidade de Jerusalém, e dispersaram os judeus em 70 A. D.

A profecia total das 70 semanas encontra o seu cumprimento no ministério, rejeição e morte do Messias, na terminação do período destinado aos judeus, na confirmação do concêrto pelo sangue de Cristo e na inauguração do ministério celestial em favor de todos os crentes, tanto judeus como gentios, sob o nôvo concêrto. Em vista do perfeito cumprimento de tôdas as especificações proféticas no período das 70 semanas consecutivas de anos, não vemos motivo algum para separar a última semana e relacioná-la com o fim dos tempos.

\* Entre os que aceitam a interpretação que relaciona a setuagésima semana com o Messias, podem ser mencionados os seguintes:

Pais da Igreja Primitiva. — Tertuliano, Eusébio, Atanásio, Cirilo de Jerusalém, Policrônio e Agostinho.

Escritores Cristãos da Idade Média. — O Venerável Bede, Tomás de Aquino e Arnolfo de Villanova.

Dirigentes da Pré-Reforma. — Wiclef e Brute, juntamente com os reformadores Lutero, Melancthon, Funck, Selnecker, Nigrinus e Heinrich Bullinger.

Eruditos do Período Posterior à Reforma. — José Mede, Sir Isaque Newton, Guilherme Whinston, João Bengel, Humphrey Prideaux, João Blair e Tiago Ferguson.

Exegetas do Século Dezenove no Velho Mundo. — Jean de la Fléchère, Guilherme Hales, Jorge Faber, Tomás Scott, Adão Clarke, Tomás Horne, Arquibaldo Mason, João Brown, João Frv, Tomás White, Eduardo Cooper, Tomás Keyworth, Alfredo Addis, Guilherme Pym, Daniel Wilson, Alexandre Keith, Mateus Habershon, Eduardo Bickersteth, Luís Gaussen, Hävernick, Hengstenberg e Pusey.

Comentaristas Americanos do Século Dezenove. — Elias Boudinot, Guilherme Davis, Josué Wilson, Samuel McCorkle, Roberto Reid, Alexandre Campbell, José de Rozas (México), Adão Burwell (Canadá), Roberto Scott, Estêvão Tyng, Isaque Hinton, Ricardo Shimeall, Tiago Shannon e João Robinson.

E em tempos mais recentes, podemos acrescentar: C. H. H. Wright, R. D. Wilson, Boutflower, e muitos outros. Os adventistas, portanto, têm uma multidão de predecesores ilustres para o ponto de vista que adotam.

\*\* Apresenta-se às vêzes o argumento de que, segundo S. Lucas 4:16-21, quando Cristo, no início de Seu ministério, leu na sinagoga o trecho profético de Isaías a respeito da obra que Lhe fôra designada, Ele parou a leitura no meio da passagem, e não incluí o "dia da vingança" a ocorrer no futuro, no fim dos tempos. Isso é verdade, mas o caso é completamente diferente. Isaías não estava expondo uma medida de tempo, como sucede na profecia das 70 semanas. Jesus simplesmente declarou que *aquela parte da profecia que Ele acabara de ler estava-se cumprindo mesmo então*. Ocupava-Se apenas com o presente, que se cumpria diante dêles. Era só isso. O restante estava realmente no futuro, pois Isaías registrara uma vasta sucessão de eventos que abrangem todos os tempos, estendendo-se até à consumação dos séculos. — *Questions on Doctrine*, págs. 296-302.



Órgão publicado bimestralmente pela  
Associação Ministerial da Igreja Adventista do  
Sétimo Dia

Editado pela  
Casa Publicadora Brasileira  
Santo André, São Paulo

Diretor — Enoch de Oliveira  
Gerente — Bernard E. Schuenemann  
Redator responsável — Naor G. Conrado

Colaboradores especiais:

R. A. Wilcox e A. E. Schmidt

Assinatura Anual ..... US \$ 3,00  
Número Avulso ..... US \$ 0,50



Ano 32

N.º 6

### NESTE NÚMERO

A SOMBRA DE IMPENDENTE CONDENAÇÃO . . . 2

#### ARTIGOS GERAIS

Anjos Intranqüilos  
Jorge E. Vandeman . . . . . 3  
Maturidade Cristã e o Lar — I  
Roy Allan Anderson . . . . . 5  
Simplicidade de Palavras  
Ernesto Lloyd . . . . . 8  
Se Deus Houvesse Morrido — II  
D. A. Delafield . . . . . 9

#### PESQUISA — TEOLOGIA, HISTÓRIA, CIÊNCIA

Unidade das Escrituras  
Hans K. La Rondelle . . . . . 12  
Raciocínio Humano Contra a Palavra de Deus  
W. J. Blacker . . . . . 14

#### OBRA PASTORAL

Comunicando com Poder  
Teodoro Carcich . . . . . 16  
Novas Tentativas de Aproximação — O Impe-  
rativo Para Uma Nova Época  
Leroy Edwin Froom . . . . . 18

#### MÚSICA

Os Instrumentos na Igreja  
Hugo Dario Riffel . . . . . 21

#### PERGUNTAS SOBRE DOCTRINA

A Setuagésima Semana de Daniel 9 e a Teo-  
ria do Intervalo . . . . . 22

